

Cinema ruandês: um embate de etnias entre tutsis e hutus

Rwandan cinema: a clash of ethnicities between Tutsis and Hutus

Vanessa Cardoso Cezário¹

O filme *Nossa Senhora do Nilo*, lançado no Brasil em 2023, é uma adaptação do livro da escritora ruandense Scholastique Mukasonga. A autora tutsi, a partir de sua literatura de testemunho, discute as conseqüências da divisão étnica gerida pelo colonialismo belga em Ruanda. Em parceria com o diretor afegão Atiq Rahimi, trabalhou na produção que retrata parte de sua história.

Na sinopse, consta que em Ruanda, 1973, meninas adolescentes que estudavam num prestigioso internato católico compartilhavam sonhos, preocupações e o mesmo dormitório. O instituto, localizado no alto de uma colina, seria o palco de antagonismos que mudariam para sempre as suas vidas e a história da nação. O drama é dividido em quatro partes nomeadas com termos do idioma banto kinyarwanda², língua materna de parte da população de Ruanda.

Na primeira, *Ubuziranenge* – Inocência, conhecemos as protagonistas: Gloriosa, hutu e filha de um ministro; Verônica e Virgínia, tutsis de origem social humilde; e Modesta, hutu por parte de pai e tutsi por parte de mãe. As tutsis, a quem Gloriosa chama de baratas, estudam no instituto devido a uma cota de 10% destinada às pessoas dessa etnia nas instituições de ensino do país; já Modesta, é constantemente lembrada de sua miscigenação também por Gloriosa. As demais alunas do internato, com exceção das cotistas, são filhas de importantes funcionários da área política de Ruanda.

A princípio, o clima entre elas, assim como expresso na imagem de divulgação do filme, é até mesmo descontraído. No entanto, é por meio de suas tarefas cotidianas que é estabelecido um gancho com as principais problemáticas a serem desenvolvidas no longa. A primeira, a limpeza do arquivo, que por si só já porta um tom emblemático, também tem o objetivo de apresentar ao expectador um pouco da história do país.

Enquanto limpam e organizam, as meninas conversam sobre uma foto da inauguração do internato. Na ocasião, a rainha da Bélgica havia estado presente e elas comentam que a monarca era

¹ Doutora em Psicologia / Psicanálise e Educação pela Faculdade de Educação da USP. Trabalha na articulação entre psicanálise, ciências da educação e pedagogia. Professora de Ensino Fundamental I e de Educação Infantil, Monitora/Educadora Patrimonial no Centro de Preservação Cultural da USP - Casa de Dn. Yayá,. E-mail: van_cezario@yahoo.com.br

² Ou quiniaruanda.

linda, mas não tanto quanto Gicanda, rainha ruandense da etnia tutsi. Em seguida, uma das meninas explica à sua colega que os homens riscados com um X vermelho numa outra fotografia “estão de férias”.

A segunda tarefa da rotina é a limpeza da estátua de Nossa Senhora do Nilo. A santa, alocada junto a um riacho, desbota e fica clara quando uma das meninas lhe passa um pano molhado. Surge, então, o comentário de que, certa vez, tiveram uma virgem [santa] africana, ruandesa como elas. Durante essa tarefa, também conhecemos o sr. Fontenaille, um homem branco, estrangeiro que mora nas proximidades do instituto. Ele estuda a história de Ruanda, coleciona objetos arqueológicos e, de vez em quando, desenha algumas das meninas.

Na segunda parte do longa, *Ikizira* – Sagrado, são acrescentadas mais questões ao enredo. A personagem do sr. Fontenaille ganha espaço na trama ao ser, justamente, aquele que reconhece e aponta os traços físicos distintivos entre as meninas hutus e tutsis. Também é ele que tem o saber e a autoridade para contar a história dos principais grupos étnicos de Ruanda: os Tutsi, os Hutu e os Twa.

Ao reconhecer que Verônica e Virgínia são tutsis, declara o seu desejo de que esse povo recupere a sua dignidade. Pois, conforme menciona, não eram negros, mas aristocratas descendentes de uma antiga linhagem de império faraônico. Ele ainda faz menção à rainha Nyiramavugo, a qual havia, supostamente, encontrado enterrada em sua propriedade. E, para que não fosse saqueada e acabasse em algum museu ocidental, ele havia construído uma pirâmide em sua memória. Verônica, uma das personagens tutsi, expressa o seu apressado e interesse pela história, no entanto, o faz do lugar de expectadora subserviente.

Ao longo de todo o filme, mas, especialmente, nessa segunda parte, há ainda outras passagens que remetem diretamente à colonização. Por exemplo, quando Frida, uma das alunas do colégio, ganha uma lata de *foie grãs* de seu namorado, o embaixador do Zaire e compartilha a novidade com as suas colegas. Ela diz que o alimento é bom porque é da França. Gloriosa experimenta a iguaria e, inclusive, afirma que é necessário se acostumar às comidas de homens brancos porque nos jantares oficiais não comerão feijão e bananas.

O tema da colonização ganha ainda mais força quando, durante uma aula, Virgínia pergunta à professora se a história de Ruanda não é tão sangrenta quanto a história da Europa. E questiona, além disso, por que estudam somente os reis ocidentais ao invés de estudarem, também, os reis ruandeses. Sua colega, Gloriosa, no entanto, interdita a questão alegando que Ruanda é uma república, portanto, deveriam esquecer os reis. Todavia, a freira responde: “A África é geografia, a Europa é história”. Por quê? Insiste outra aluna. Ao que a freira responde: “Os africanos não sabem ler nem escrever”.

Outro desdobramento da colonização como mote surge durante uma missa entre todos do instituto. A freira maior menciona que após as férias ouviu as alunas falando em kinyarwanda. Ela adverte que, conforme o código de conduta do instituto, o uso do idioma era proibido e sugeria que, mesmo com a permissão para falarem o idioma em outros lugares, as alunas deveriam utilizar somente o francês. Pois, o instituto é dedicado a educar a elite feminina de Ruanda.

Ao término desse mesmo evento, ao apreciar a estátua de Nossa Senhora do Nilo, Gloriosa diz que o seu nariz está errado. Não gosta dele porque é pequeno e minoritário. O que, até então, poderia levar o expectador a pensar que a jovem tem um senso político e estético apurado e está se referindo aos traços físicos dos europeus presentes no instituto, mostra-se noutra questão, uma rixa interna.

A terceira parte do filme, *Umuziro – Sacrilégio*, inicia com Gloriosa examinando o nariz da santa próximo ao riacho. A peregrinação está chegando e ela declara o seu desejo de rezar em frente a uma autêntica estátua hutu. No entanto, ao tentar substituir o nariz da santa por outro que considera mais representativo de sua etnia, quebra a estátua e forja um ataque tutsi. Em depoimento aos responsáveis pelo instituto, afirma ainda que homens *inyenzi*³ prometeram voltar e estuprar todas as alunas e freiras do instituto, inclusive as brancas.

Ela ainda estabelece uma divisão entre as alunas ao se recusar a almoçar na companhia das tutsis. Essas últimas deveriam esperar as hutus fazerem a sua refeição para depois se alimentarem. Não bastasse, Gloriosa inicia um movimento em nome da Juventude Ruandesa Militante e se auto-intitula presidente do Comitê de Entronização para a nova Nossa Senhora do Nilo. A essa altura não há mais dúvidas de que o embate encabeçado por Gloriosa não é contra os europeus que ainda estão ali, mas contra a etnia tutsi, minoritária.

Na quarta parte do filme, *Igitambo – Sacrifício*, o extremismo representado pela personagem de Gloriosa ganha apoio externo ao instituto e mostra-se ainda mais violento. Virgínia e Verônica já temem por suas vidas e mostram-se cientes de que, caso a situação piore, não contarão com o apoio dos professores brancos e das freiras. A trama segue com um massacre que, à princípio, parece até mesmo descontextualizado. Como um conflito entre adolescentes poderia ganhar tal aderência e chegar àquele nível de gravidade?

³ Mendonça (2021) explica que *inyenzi*, no idioma kinyarwanda, corresponde a barata. O termo que se tornou uma referência na perseguição étnica era empregado para humilhar as pessoas da etnia tutsi ao insinuar que não tinham humanidade e deveriam ser exterminadas. “O sentido [...] era de que tutsis, tal como esses insetos, eram astutos, se escondiam e, ao mesmo tempo, eram dignos de nojo, mereciam ser massivamente massacrados. Como expressão de rebaixamento, esse vocábulo era citado nas conversas cotidianas, transmissões de rádio, revistas e também estava nos discursos de autoridades hutus locais e militares [...]” (Mendonça, 2021, p.161).

Esse trecho, assim como a passagem do arquivo, com função claramente explicativa, poderiam ser apontadas como pontos fracos no enredo. No entanto, também podem ser interpretadas, e essa é a nossa posição, como a consciência do não conhecimento da história de Ruanda. Pois, como a personagem de Virgínia bem indica, a história de seu país, assim como a da África como um todo, ainda é pouco estudada. E, em nossa perspectiva, são, justamente, essas menções ao longo do filme que podem aguçar a pesquisa.

O filme termina de maneira bastante contrastante com a qual começou. Por meio de uma legenda, é informado ao público que “Em 1973, com o pretexto de cotas excedidas, uma purga de tutsis aconteceu em escolas, universidades, administrações e nas igrejas”. Essa perseguição, que mais tarde, 1994, causaria o genocídio de quase um milhão de pessoas, foi, justamente, o episódio que levou Scholastique Mukasonga a sair de Ruanda e iniciar na literatura. Ela credita essa possibilidade à educação que recebeu num instituto tal como o representado no filme.

Aliás, negar o acesso à escolarização era uma das principais estratégias dos hutus para se sobreporem aos tutsis. Pois, sem estudo, esses últimos permaneceriam em situação de desfavorecimento econômico e precariedade social. De certa maneira, uma vingança pela época em que os privilegiados eram os perseguidos de agora.

Com certeza, este é o tipo de trabalho que instiga a pesquisar tanto a respeito do embate entre essas etnias, quanto a conhecer mais do trabalho do diretor Atiq Rahimi e da autora Scholastique Mukasonga.

REFERÊNCIAS

MENDONÇA, C. O. De tutsi a inyenzi: humilhações, desrezos e violências na experiência interétnica ruandesa. **Anuário Antropológico** [Online], v.46 n.3 | 2021, posto online no dia 28 setembro2021, consultado o 01 outubro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/aa/8914> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/aa.8914>

NOTRE-DAME Du Nil. Direção: Atiq Rahimi. Produção: Mike Downey, Vladimer Katcharava, Maysam Makhmalbaf, Sam Taylor. Local: Bégica, França, Mônaco, Ruanda: Pandora Filmes, 2023. 1 DVD (93 min).